

A dramatic landscape painting of a mountain valley. In the foreground, a rocky path leads down a steep, mossy slope towards a small waterfall. Several small figures of people are visible on the path. The middle ground shows a deep valley with rolling hills covered in green vegetation. In the background, a massive mountain peak is partially shrouded in thick, white clouds and mist. The sky is filled with heavy, dark clouds, with a bright light source breaking through on the right side, creating a strong contrast and illuminating the scene. The overall mood is majestic and atmospheric.

DO OUTRO LADO DO MONTE

DISCDIZ | SPOKENMUSIC

DO OUTRO LADO DO MONTE

Vamos em transumância por serras e montes, ouvindo ao longe o “tilintar de guizos”, guiados pela “luz da casa na encosta”, pelo trinar de pássaros “sábios e distraídos”, pelo sussurro das ervas que nas suas raízes crescem e no bailar do vento se movem.

De pés fincados na tradição, por escarpas afiadas e trilhos antigos nos vamos, celebrando uma liturgia de renovação e passagem, até ao outro lado do monte, para ver “o que ainda não somos”.

Num eterno ciclo de transições, convidamos a seguirem-nos pelos terrenos acidentados dos amores ausentes e da eterna luta pelo pão, a deixarmos o sol que se vai pondo “por trás do cabecinho” e acendermos as fogueiras da folia, numa nova encosta de onde espreitam as “multidões de estrelas que se acendem” e onde saberemos “dançar à roda do Universo”.



AUSÊNCIA



1 - AUSÊNCIA – No alto daquela serra

Tradicional da Beira Litoral e do Alto Douro

Usualmente cantada no acompanhamento de tarefas mais leves, esta música conta a história de um amor não correspondido, personificado no lenço solitário que ondula no cimo da serra, e que se afirma na alegria desse sentimento, preferível à tristeza de quem “não sabe amar”.

Letra

No alto daquela serra (bis)
está um lenço
está um lenço a acenar
Dizendo viva quem ama (bis)
morra quem
morra quem não sabe amar
Do outro lado do monte (bis)
tem meu pai
tem meu pai um castanheiro
Dá castanhas em outubro (bis)
uvas brancas
uvas brancas em janeiro

No alto daquela serra (bis)
está um lenço
está um lenço de mil cores
Dizendo viva quem ama (bis)
morra quem
morra quem não tem amores
No alto daquela serra (bis)
está um lenço
está um lenço a acenar
Dizendo viva quem ama (bis)
morra quem
morra quem não sabe amar



2 - AUSÊNCIA – Poesia

Excertos de poemas de Luís Vaz de Camões (Soneto CLXXII) e de Edgar Allan Poe (O corvo)

Excertos

O céu, a terra, o vento sossegado;
as ondas que se estendem pela areia;
o nocturno silêncio repousado.
Ninguém lhe fala.
O mar, de longe, bate;
Move-se brandamente o arvoredos...

*Um rumor triste, vago, brando
À hora da meia noite que apavora
acho a noite somente
somente a noite e nada mais.
Sonho
o que nenhum mortal há já sonhado.*



Leva-lhe o vento a voz, que ao vento deita.

Viu as lágrimas em fio,
viu as palavras magoadas.

Na maior pressa de mar, de fogo e de ira,
comigo levo esta alma, que se obriga,
a dar-vos memória e que suspira

O rouco som do mar, a estranha terra,
o esconder do sol pelos outeiros.

Perder-me assim em vosso esquecimento,
ser por vós perdido.

O céu, a terra, o vento sossegado,
as ondas que se estendem pela areia,
o nocturno silêncio repousado.

*Obra do vento e nada mais.
Somente a noite e nada mais.*

*Regressa ao temporal,
regressa à tua noite
que me amedronta
que me assombra.*

Nô chão se espraia a triste sombra.

*Foi isso apenas, nada mais.
Obra do vento, nada mais.*

Ficha técnica

Poemas:

- Soneto CLXXIII [O Céu, a terra, o vento sossegado] – Luís Vaz de Camões
- O Corvo – Edgar Allan Poe (tradução de Machado de Assis)

Instrumental:

- Online Ambient Sound Mixer
- Moonlight Reprise – Kay Engel – Free Music Archive

3 - AUSÊNCIA – Manolo mio

ADAPTAÇÃO DE TRADICIONAL DE TRÁS-OS-MONTES

Cantada aos serões, esta música fala de Manolo que se ausenta por três meses e que não volta, pois o encontram morto de saudade no cimo de um monte.

Na versão espanhola, mais completa, percebe-se que Manolo se ausenta para servir como soldado em Ceuta, onde recebe três cartas de sua amada, na última das quais ela lhe comunica que se casou, razão pela qual o encontram morto na solidão.



Letra

Manolo mío, a mí me han dicho
que por tres meses te bas d'aquí
eses tres meses serán tres siglos
Manolo mío llévame a mí. (bis)

Naquel cabezo hay un cadabré
Todos dicen, de quién será?
Seguramente será Manolo
que se habrá muerto de soledá (bis)

Lolita mía ponte a servir
Y lo que ganes dámelo a mi
Pera tabaco, pera papellos
Pera cerillas pera acender (bis)

TRABALHOS



4 - TRABALHOS – Mãe dos trabalhos



TRADICIONAL DA BEIRA-BAIXA

“Cantiga muito clara no que respeita à sensação de desânimo que, frequentemente, se apodera dos trabalhadores rurais. A trova é um queixume e uma expressão amarga de impotência perante forças tacitamente assumidas como inelutáveis.”

In “Cancioneiro Popular Duriense”, de António Cabral

Letra

Ó minha mãe dos trabalhos (bis)
Para quem trabalho eu, oai,
Para quem trabalho eu?
Trabalho, mato o meu corpo, (bis)
Não tenho nada de meu, oai,
Para quem trabalho eu?
Diz-me lá, patrão António, (bis)
Que triste pensar o teu, oai,

Que triste pensar o teu?
Se não mudares de sentido, (bis)
Morres tu e morro eu, oai,
Que triste pensar o teu?
Ó minha mãe dos trabalhos (bis)
Para quem trabalho eu, oai,
Para quem trabalho eu?

5 - TRABALHOS – Poesia

Excertos de conto tradicional de Skyros (Grécia) e de poemas de Rilke, Fernando Pessoa, Daniel Faria, Drummond de Andrade e Nuno Júdice.

Excertos

Era uma vez um velho pastor que pastava, com a sua mulher, um grande rebanho, na planície do outro lado da ilha.



*Foi um tempo branco
Mais doloroso do que os olhos
sempre abertos no escuro*

Estava tudo pronto para a chegada da Primavera quando, inesperadamente, começou a nevar durante a noite. Nevou durante dois dias. As ovelhas berravam em desespero.

Um tempo branco muito diferente da verdade.

Quando o casal conseguiu, finalmente, sair do abrigo para procurar as ovelhas... só encontrou cadáveres.

Muito diferente das estrelas que se apagam.

Enlouquecidos, recolheram os badalos, enrolaram-nos em cordas à volta da cintura e desceram ao povoado para contar a desgraça.

Foi um tempo branco porque era mudo.

Mas quando chegaram à vila não conseguiram explicar o que lhes aconteceu, as palavras não lhes saíam, a voz entaramelava-se na garganta. Em desespero gesticulavam, exprimindo a sua dor e tentando explicar o sucedido... mas no povoado ninguém os compreendeu, deram-lhes de beber e acompanharam-nos numa dança grotesca.

Um tempo tão manso como um lobo que não morde.

Estonteados de cansaço, os pastores caíram exaustos no chão.
Só dias mais tarde iriam os camponeses dar pelo desastre!

Foi nos dias em que vieram as montanhas

Os velhos pais labutavam nos campos
Quebravam as pedras
arrancavam a erva selvagem

Trabalhosos dias.

A tua lenha é só peso que levas.

E os olhos não choram

É uma grande tarefa

E as mãos tecem

Um trabalho sem fim

Um trabalho sonâmbulo

Pesados são os montes

Chegou um tempo em que não adianta morrer.

Pesados são os mares

Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.



Ficha técnica

Conto: Tradicional de Skyros (in "Escrever os meses a seguir os dias - Março", de Ana Paula Guimarães)

Poemas:

- Rainer Maria Rilke (1875-1926)- "Os czares"
- Fernando Pessoa (1888-1935) - "Pouco usamos do pouco que mal temos"
- Daniel Faria (1971-1999) - Excertos de "Mas basta-me um quadrado de sossego"
- Drummond de Andrade (1902-1987) - Excertos de "Os ombros suportam o mundo"
- Nuno Júdice (1949-) - Excertos de "Um poema de amor, ainda"

Instrumental:

- A hora escura (gentilmente cedido pelos Sangre de Muerdago)

6 - TRABALHOS – Coro das maçadeiras

TRADICIONAL DA PÓVOA DO LANHOSO

“Alguns destes cantos de trabalho são normais cantos melódicos, com acompanhamento dos instrumentos de trabalho, como é o caso dos corais das maçadeiras do linho, em que os maços batem ao ritmo da cantiga.”

In “Enciclopédia Terra Mater”

Letra

Este linho é mourisco
e a fita dele namora
quem daqui não tem amores
tire o chapéu vá-se embora

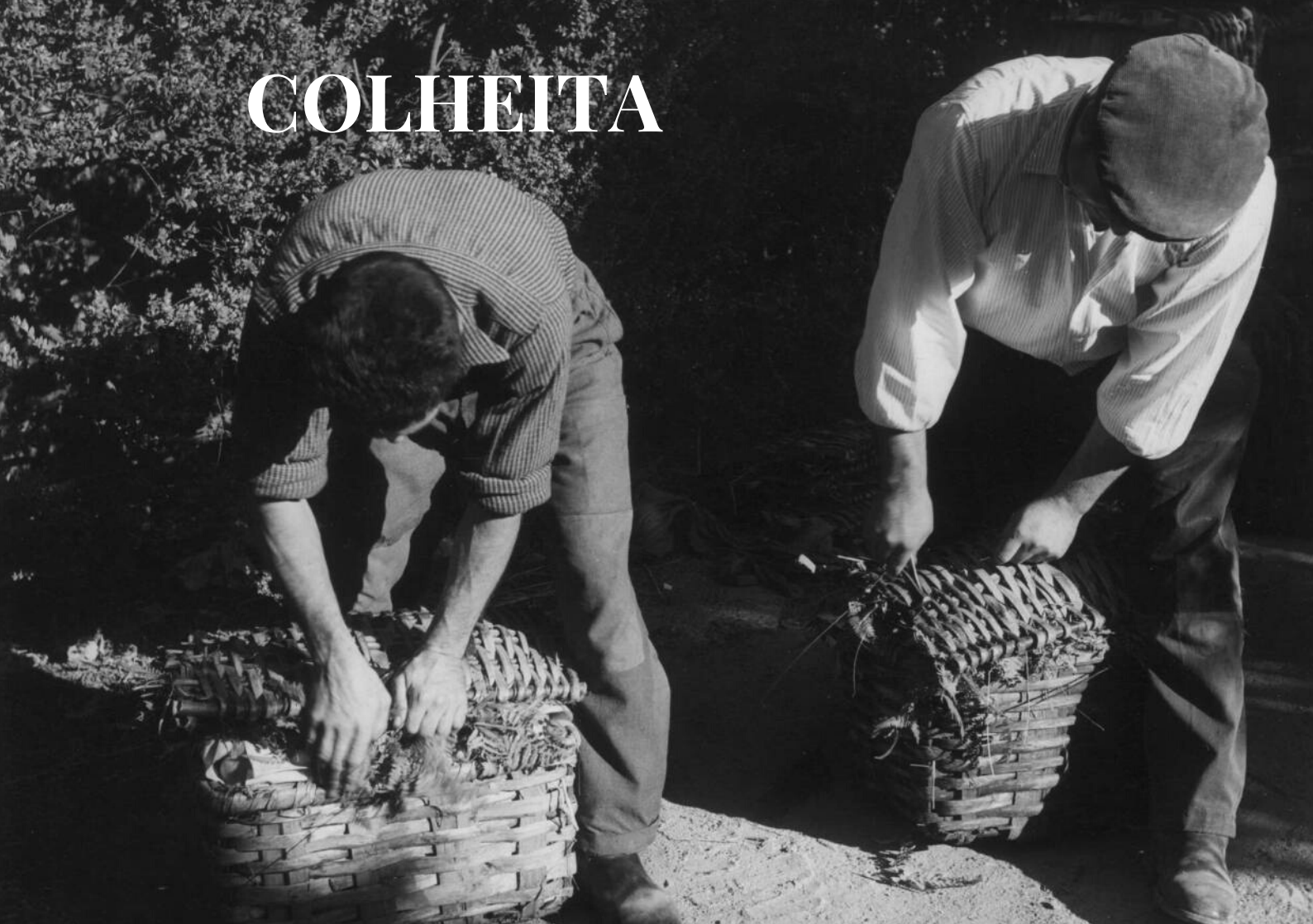
Ai-a-li-o-lai-o-lai-lalolé
lai-a-ró meu bem
regala-te o meu amor
regala-te e passa bem

Ó minha mãe dos trabalhos
para quem trabalho eu
trabalho mato meu corpo
não tenho nada de meu

Maçadeiras lá de baixo
maçai o meu linho bem
não olheis para o portelo
que a merenda logo vem



COLHEITA



7 - COLHEITA – Cantiga da ceifa

TRADICIONAL DE PENHA GARCIA

“Alguns destes chamados cantos de trabalho são simples entoações, gritos de incitamento (...) outros possuem um ritmo lento e arrastado, até sem medida, próprio de uma tarefa executada ao calor.”

In “Enciclopédia Terra Mater”

Letra

Por cima se ceifa o pão
ai, por baixo fica o restolho
menina não se enamora
ai do rapaz que embisga o olho

Já o sol se vai pondo
ai, lá pra trás do cabecinho
bem pudera o nosso amo
ai mandá-lo mais ligeirinho



8 - COLHEITA – Poesia

Excertos de artigo editado em 1841 na Revista Panorama e de poemas de Fernando Pessoa, Machado de Assis, Tolentino Mendonça e Rilke.

Excertos

O tempo para a sementeira do trigo é o outono, quando as folhas amareladas começam a cair.

Repousa sobre o trigo um sol parado

A cama do trigo faz-se na lama, a do centeio no pó.

sobre o trigo que ondula um sol parado

A quantidade da semente depende da qualidade da terra.

Depois de semeado é preciso que fique enterrado

O trigo mexe leve, ao sol alheio e igual

para poder arraizar e o não comerem os pássaros,

basta que fique coberto com dois ou três dedos de terra.

Deixa que pelo prado os ventos vão



A ceifa faz-se em Julho e Agosto;

Baila o trigo quando há vento

convém apressá-la o mais que poder ser.

*Baila porque o vento o toca
É tempo, foi muito grande o Verão*

A época de trabalho mais intenso é a que vai de meados de Julho a meados de Agosto.

*Rude era o chão.
Agreste e longo aquele dia*

Todos trabalham de manhã,
pela noite adiante,
neste pobre lugar

Souberam resistir, aos temporais e aos sóis

Todos, homens e mulheres, velhos e crianças,

Deixa que pelo prado os ventos vão

O trigo é arrancado à mão, espiga por espiga, como quem está a pescar.

O trigo não vai ao chão, fica seguro na mão, depois de sacudido e amarrado todos entregam o seu feixe para com ele fazer uma "gavela maior".

*Senhor: é tempo, foi muito grande o verão.
Lança a tua sombra sobre os relógios de sol,
deixa que pelo
prado
os ventos vão.*



Amo os que atravessaram os campos
desamparados mais do que se pode,
entregues como este verão já no fim
às folhas secas que voam.

*Quem não tem casa agora,
já não constrói nenhuma,
quem agora está só,
vai ficar só, sombrio*

Estas folhas estremecem na tarde,
não sabem que dançam à roda do Universo.



Ficha técnica

Artigo: "O trigo" - revista Panorama 1841

Poemas:

Fernando Pessoa (1888-1935) - "Quadras ao gosto popular"

Machado de Assis (1839-1908) - "Os semeadores"

José Tolentino Mendonça (excertos) - "Livro das peregrinações",
"Levada do Castelejo"

Rainer Maria Rilke (1875-1926) - "Dia de Outono"

Instrumental:

Paisagens sonoras Terra d'Água, O Rio, Cavar a Terra
(gentilmente cedidas por Luís Antero)



9 - COLHEITA – Macelada

TRADICIONAL DA BEIRA-BAIXA

Cantiga popular cantada por mulheres e acompanhada por adufe, em eventos festivos, pelo São João quando iam colher “macela” (camomila), que era depois colocada a secar em local seco, para preservar as suas qualidades.

Letra

Venho de macelada, venho de colher macela (bis)
Lá dos campos do Castelo, daquela mais amarela
Venho de macelada, venho de macelada
Ai lai rai...



Venho de macelada, venho de colher uma flor (bis)
Lá dos campos do Castelo, para dar ao meu amor
Venho de macelada, venho de macelada
Ai lai rai...

Venho de macelada, venho de colher um cravo (bis)
Lá dos campos do Castelo, para dar ao namorado
Venho de macelada, venho de macelada
Ai lai rai...

Venho de macelada, venho de colher loureiro (bis)
Lá dos campos do Castelo, daquele mais ramalheiro
Venho de macelada, venho de macelada
Ai lai rai...

FOLIA



10 - FOLIA – Fraile cornudo

DANÇA MIRANDESA

“Este bailado é do tipo dança a dois, isto é, no terreiro, de cada vez só dança um par. Todos os outros formam roda, tocando e cantando, à espera que lhe chegue a vez de irem a terreiro dar prova das suas capacidades coreográficas. A canção (...) continua até se esgotarem os bailadores no terreiro.”

In “You sou mirandês”, de Raúl Silva

Letra

Fraile cornudo,
Hecha-te al baile,
Que te quiero ber beilar,
Saltar i brincar,
I andar por el aire.

Y esta es la
Tonadica del fraile!

Busca companha,
Que te quiero ber beilar,

Saltar i brincar
I andar por el aire.

Y esta es la
Tonadica del fraile!
Deixa-la sola
Que la quiero ber beilar,
Saltar i brincar
I andar por el aire!
Y esta es la
Tonadica del fraile!



11 - FOLIA – Poesia

Excertos de poemas de Juan Vicente Piqueras, José Saramago, Carmen Sylva, António Ramos Rosa, João José Cochofel, Joaquim Pessoa, Fernando Echevarría, Giacomo Leopardi, Pedro Tamen, Fernando Pessoa, Manuel Bandeira, Hermann Hesse e Patti Smith.

Excertos

Na luz animal da alegria,
encho as mãos,
danço a dança prodigiosa.

É um pomar de espuma
que inunda,
incendeia, recomeça.

Um ruído de festa,
um carnaval de cor e poeira.

Na imensa noite
não desafies a alegria
não lhe perguntes porquê,

porque eu venho do silêncio incerto do
poema e sou, umas vezes constelação e
outras vezes árvore.

Na imensa noite,
do outro lado do monte,
vejo a lâmpada da casa na encosta,
árvores cheirando a verde.

Na imensa noite,
do outro lado do monte,
encho as mãos com uma fragilidade
que é um pássaro
sábio, distraído.

Na noite que trepa aos montes,
suspense no silêncio,
um homem olha o céu,
ouve ao longe o tilintar de guizos,



olha o céu e diz-se o silêncio.

Não desafies a alegria.
Pois, fria e imutável
é a nossa eterna existência,

frio e resplandecente
é o nosso eterno riso.

Quando ontem adormeci
havia alegria, vozes, cantigas e
risos
ao pé das fogueiras acesas.

Agora os montes descem
vagarosamente
para o rio, para o mar, para a
cidade.

Levantam-se os perfumes, os
incensos
e as multidões de estrelas
que se acendem.

Sou um navio que chegou a um porto
e cujo movimento é ali estar.
Nada me resta do que quis ou achei.

Cheguei da festa
indiferente a quem sou
e só não me cansa
o que a brisa me traz.

Escuto na palavra
a festa do silêncio.

Tudo está no seu sítio.

É um pomar de espuma,
que incendeia, inunda,
recomeça.
Dança a dança prodigiosa.

A noite cai, escondendo o
último ser vivo.
Pássaros já sem a curiosidade
própria dos pássaros
deixam de voar.

A dança acabou.



Ficha técnica

Poemas:

Juan Vicente Piqueras (1960-) - Instruções para atravessar o deserto;

José Saramago (1922-2010) - Provavelmente Alegria;

Carmen Sylva (1843-1918) - A felicidade é um aroma;

António Ramos Rosa (1924-2013) - A festa do silêncio;

João José Cochofel (1919-1982) - Não desafies;

Joaquim Pessoa (1948-) - Conta comigo sempre;

Fernando Echevarría (1929-) - A base e o timbre;



Giacomo Leopardi (1798-1837) - A bonança depois da tempestade;

Pedro Tamen (1934-) - O Sangue 11;

Álvaro de Campos (1888-1935) - Aniversário;

Fernando Pessoa (1888-1935) - Já não me importo;

Manuel Bandeira (1922-1968) - Profundamente;

Hermann Hesse (1877-1962) - O lobo das estepes;

Patti Smith (1946-) - Devoção

Instrumental:

Gentilmente cedido por J.A. Electrónica

12 - FOLIA – Entrudo

TRADICIONAL DA BEIRA-BAIXA

Rito de passagem do tempo velho para o tempo novo, no entrudo celebra-se a despedida do inverno e a saudação da primavera, com a saída à rua de um mascarado – o Chocalheiro – que “salta, grita, prega sustos e provoca cenas de descomposta folia.”
In “Caretos de Podence”, de Luís Rodrigues Costa

Letra

Ó entrudo, ó entrudo
Ó entrudo chocalheiro
Que não deixas assentar
As mocinhas ao soleiro

Eu quero ir para o monte (bis)
Que no monte é que estou bem (bis)
Eu quero ir para o monte (bis)
Onde não veja ninguém,
que no monte é que estou bem

Estas casas são caiadas (bis)
Quem seria a caiadeira (bis)
Foi o noivo mais a noiva (bis)
Com o ramo de laranjeira,
quem seria a caiadeira





FICHA TÉCNICA

Concepção e produção: DiscDiz

Arranjos e co-produção: Fernando Matias e João Menor

Gravação e mistura: Fernando Matias

Vozes: Luís Martins e Helena Patrício (DiscDiz)

Guitarra portuguesa, cavaquinho e guitarra clássica: João Menor

Percussão: Tânia Lopes

Instrumentais gentilmente cedidos por: Sangre de Muerdago, J.A. e Luís Antero

Fotografias de Artur Pastor (utilização autorizada pelo Arquivo Municipal de Lisboa)

Fotografias do Entrudo de Lazarim gentilmente cedidas por João Teixeira

Capa: "After the Massacre of Glencoe", de Peter Graham (1836-1921)

AGRADECIMENTOS A:

Fernando Matias, pela dedicação e entusiasmo em todos os momentos de concretização deste trabalho;

João Menor, pela generosidade e entusiasmo com que participou em cada tema e por ter acreditado neste projecto desde o primeiro dia;

Tânia Lopes, pela força e "músculo" trazidos a todos os temas;

J.A., Luís Antero e Sangre de Muerdago que ajudaram a colorir os excertos poéticos com as suas paisagens sonoras.

...e a TODOS os amigos que nos têm acompanhado nesta caminhada "monte acima" e que nos têm ajudado a crescer....



Novembro 2019